UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE HISTÓRIA

LUIS HENRIQUE DE MEDEIRO LOPES

O MOVIMENTO OPERÁRIO SOROCABANO NA GREVE GERAL DE 1917

SOROCABA/SP
2022

LUIS HENRIQUE DE MEDEIRO LOPES

O MOVIMENTO OPERÁRIO SOROCABANO NA GREVE GERAL DE 1917

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em História, da Universidade de Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Junior

SOROCABA/SP

2022

LUIS HENRIQUE DE MEDEIRO LOPES

Trabalho de Conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Diploma de Graduação em História, da Universidade de Sorocaba

Aprovado em:_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Junior
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Rogerio Lopes Pinheiro de Carvalho
Universidade de Sorocaba

Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa

Michel Foucault

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca clarear a forma de atuação do movimento operário sorocabano na greve geral de 1917. Bem como discutir as origens e formação desta classe, sem deixar de observar o início de uma Sorocaba industrial, que transacionará pela queda e fim das feiras de muares, onde a acumulação de capital servirá como financiador desde processo fabril. Esses primeiros anos de industrialização provocará choque entres as classes, de um lado o proletariado, de origem diversas, entre trabalhadores nacional e imigrantes estrangeiros, migrantes do campo e população da cidade. Terá diante si, formas de superar as diferenças e se perceberem a um espaço comum - além do chão da fábrica. É na relação diária de trabalho que o proletariado se perceberá com classe, e na exploração de seu trabalho, como grupo subjugados. Diante desse estado de exploração, a classe levantará voz e braços na luta pelo seu reconhecimento e espaço na cidade. Desde de sua gênese, o proletariado sorocabano se mostrará combativo e atuante, visto que as condições de trabalho eram péssimas e muitas das vezes análoga à escravidão, forçando assim, a classe em inúmeras vezes utilizar de seu mecanismo mais potente de transformação – a greve.

Diante da deflagração da greve geral em 1917, o proletariado sorocabano demonstrará toda sua força como classe. Aproximadamente 10.000 trabalhadores saíram as ruas para reivindicar melhores condições e salários mais dignos, não obstante também pediam o fim do trabalho infantil e jornadas de trabalho menores. A elite sorocabana e as autoridades locais utilizaram do aparato repressivo para conter a massa de trabalhadores, que não recuará o confronto, marcando seus espaços lutas socias como agentes transformador da realidade. Para assegurar as autenticidades dos fatos descrito, matérias de ordens jornalística foram empregados como recursos complementares no desenvolvimento da pesquisa. Serão adotados como delimitadores metodológicos, por conseguinte, os órgãos de imprensa O Cruzeiro do Sul (representativo dos interesses da classe hegemônica) e O Operário (agrilhoado às demandas da classe laboral).

Palavra chaves: Sorocaba; Luta de Classe; proletariado; História.

ABSTRACT

This course conclusion work seeks to clarify the way in which the Sorocaba labor movement acted in the 1917 general strike. of mules fairs, where the accumulation of capital will finance the manufacturing process. These first years of industrialization will provoke a clash between the classes, on the one hand the proletariat, of different origins, between national workers and foreign immigrants, migrants from the countryside and the population of the city. You will have in front of you ways to overcome differences and perceive yourself in a common space - beyond the factory floor. It is in the daily work relationship that the proletariat will perceive itself as class, and in the exploitation of its work, as a subjugated group. Faced with this state of exploitation, the class will raise its voice and arms in the fight for its recognition and space in the city. Since its genesis, the Sorocaba proletariat will be combative and active, since the working conditions were terrible and often analogous to slavery, thus forcing the class to use its most powerful mechanism of transformation - the strike.

Faced with the outbreak of the general strike in 1917, the Sorocaba proletariat will demonstrate all its strength as a class. Approximately 10,000 workers took to the streets to demand better conditions and more dignified wages, however they also called for an end to child labor and shorter working hours. The elite of Sorocaba and the local authorities used the repressive apparatus to contain the mass of workers, who will not back down from the confrontation, marking their spaces as social struggles as agents that transform reality. To ensure the authenticity of the facts described, journalistic matters were used as complementary resources in the development of the research. Have been adopted as methodological delimiters, for this reason, the press organs O Cruzeiro do Sul (representative of the interests of the hegemonic class), and O Operário (linked to the demands of the working class) .

Keywords: Sorocaba; Class conflict; Proletariat; History

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO----------7**
2. **CAPÍTULO 1: SOROCABA FABRIL----------10**
3. **CAPÍTULO 2: SURGIMENTO DA CLASSE OPERÁRIA SOROCABANA ----------14**

3.1 A CONDIÇÃO DA CLASSE----------15

4. **CAPÍTULO 3: A GREVE GERAL DE 1917 – NA CAPITAL----------21**

4.1 A GRANDE GREVE CHEGA EM SOROCABA----------22

4.2 MOVIMENTO E REPRESSÃO, UMA HISTÓRIA DE LUTA----------27

5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS----------30**
6. **BIBLIOGRAFIA----------31**

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a condição e atuação dos operários de sorocabano começo do século XX, regatando suas trajetórias e conquistas fundamentais para o amadurecimento da classe.

Como não poderia deixar de ser, na gênese da formação da classe operária sorocabana, as relações entre capital e trabalhador, caracterizam-se, em primeiro lugar, através da situação de classe de um grupo com os meios de produção e no outro lado, na obrigatoriedade da venda do único bem que possui, a força de trabalho. Exatamente durante esse exercício cotidiano e diário, que se desenvolvem algumas das mais importantes relações sociais -a relação de trabalho.

Dentro da sua luta por melhores condições e espaço, o operariado sorocabano irá levantar diversas bandeiras de causas sociais. Como a greve dos tecelões em prol da educação.

> *"dentro do contexto das greves pela redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, que em Sorocaba teve início já nos primeiros anos do século XX, a greve dos tecelões de 1911, foi fundada por um argumento muito interessante: o direito à educação, que estava sendo cerceado porquanto os trabalhadores não tinham condições físicas de frequentar as escolas noturnas depois da faina exaustiva" (CAVALHEIRO, 2009, p. 80)*

Isso demonstra que, o operariado sorocabano não lutava apenas por sua superação econômica, mas também por uma transformação social, com bases na educação.

Carlos Cavalheiro nos fornece em seu livro Memoria Operaria indícios da situação material e social dos operários sorocabano: jornadas de trabalhos exaustivas, péssimas condições de trabalho, sem acesso à instrução - subjugados por um forte autoritarismo dos industrias e contra mestres. Sobre a condição de vidas dos trabalhadores, o historiador descreve:

> *Era assim que constantemente se comparavam os operários sorocabanos do início do século XX: com os escravos. E não por simples força de expressão, mas por uma realidade cruel. Trabalhavam excessivamente, em condições subumanas e o que ganhavam como salário, mal diferenciava o valor do prato de comida e o copo de água dado ao escravo para que não morresse antes de gerar muito lucro ao seu senhor" (CAVALHEIRO, 2009, p.87).*

Somando-se às condições insalubres na fabricas e nas vilas operárias, junto com longas jornadas de trabalho que variavam entre 12 e 16 horas de trabalho, (ARAUJO NETO, p.32) e a pouca representatividade política, temos a formação de um quadro social em que estão inseridos os operários.

Embora submetidos aos interesses dos capitalistas industriais, nem todos os operários deixaram-se alienar diante dessa situação indigna de vida.

No início do século XX, as inúmeras greves travadas pelos operários deflagam as suas intenções de superar a condição de explorado, imposta pela lógica do capital. A luta pela redução da jornada de trabalho, pelo fim da utilização de mão de obra infantil, são palavras de ordem que faziam parte do cotidiano operário da época – que jamais aceitou uma condição passiva dentro dessa conflituosa relação de trabalho e sociedade conduzida pelo patronato burguês.

Portanto, o recorte proposto por este trabalho ficará em torno da greve geral de 1917, que se colocará como catalizador de todas as aspirações e anseios dos operários, impulsionados por uma adesão massiva dos trabalhadores desta cidade, contando com a solidariedade da população numa demonstração histórica de força de classe social.

A conquista de suas reivindicações aponta para a capacidade de força de luta que operário sorocabano construí nas suas diversas batalhas nesse início de século XX e que servirá de legado na memória social dessa classe nas lutas futuras e na sua própria identificação do ser histórico.

Portanto, para analisar esses fatos escolhi trabalhar com jornais que acompanharam o momento histórico retratado neste trabalho, em primeiro, com o jornal O Operário (edição fac-símile organizada pelo historiador sorocabano Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho) que acompanhou a luta dos trabalhadores até 1913, ano

de sua última publicação e o jornal Cruzeiro do Sul (atualmente disponibilizado digitalmente no endereço eletrônico do mesmo) com uma reportagem de mais de 1 página sobre a greve nesta cidade.

2. CAPÍTULO 1: SOROCABA FABRIL

Em Sorocaba o processo de industrialização têxtil, no final do século XIX início do século XX, segue em seu percurso as mesmas configurações de outras cidades brasileiras; segue o domínio do capital monopolista. Passa de uma cidade de comércio de muares para uma cidade vanguarda de produção industrial.

Para compreensão dos estudos sobre o operariado de Sorocaba é necessário que observemos o processo inicial do crescimento fabril de Sorocaba. A historiadora sorocabana Cassia Maria Bandini, em seu estudo sobre Sorocaba no Império, considera que as feiras de muares junto com o comercio local, serviram como base de uma importante concentração de capital. Este capital era reinvestido nas compras de animais para a feira e nas atividades similares ligado ao comercio. Com o declínio das feiras de muares, na metade do século XIX, comerciantes enriquecidos e capitalistas ligados a feira começaram a diversificar seus investimentos.

Temos em 1852 a fundação da fábrica têxtil da chácara amarela de Manuel Lopes de Oliveira, que se localizava próximo onde é hoje o Ginásio Municipal de Esportes, essa é a primeira experiência fabril têxtil em Sorocaba (SILVA, 2000 p.28). Usava de mão de obra escrava e destinava-se a descaroçar, fiar e tecer algodão, que deveria constituir-se em tecidos grossos viabilizados nas roupas dos escravos. As dificuldades enfrentadas por Manoel Lopes de Oliveira, foram a mão-de-obra especializada e a alta do preço do algodão, que levaram ao fracasso essa primeira tentativa.

Em 1841 é criada a primeira fábrica de chapéus de Sorocaba e posteriormente uma segunda fábrica em 1870. Fábricas essas que tiveram relativa prosperidades até o ano de 1932 quando fecharam.

Verificou-se que, nos anos de 1880, Sorocaba, levada pelo impulso industrial passou a atrair imigrantes italianos e alemães que exploravam o comércio urbano através das manufaturas. O italiano Alferio Malzone fabricava calçado, Antonio Faizano a fábrica de macarrão, Mathias Baddini, café em pó, José Luchesi, fábrica de calçados, Francisco Matarazzo, fábrica de banha. Imigrantes alemães tinham seus negócios ligados a fabricas de cervejas de Augusto Boemer, Faust e Schimming, Luiz Bücher, de Lausberg e Raszl. Na esteira desses fatos a cidade atraía pessoas de outros locais provocando a diversificação de serviços, muitos desses investidores

migrantes e comerciantes começam a injetar seu capital em outras atividades a partir das grandes fabricas têxtil (ALMEIDA, 2002. p, 42)

Neste caso é necessário registrar o importantíssimo fato da criação da linha férrea de Sorocaba. Idealizada pelo Húngaro Luiz Matheus Maylasky, capitalista local que investia nas atividades comerciais da cidade desde das feiras de muares. Considerado como um dos principais propagandistas do transporte ferroviário em Sorocaba e região e um dos fundadores da E.F. Sorocabana, destinada a ligar Sorocaba a S. Paulo, com estações e armazéns próximo aos da São Paulo Railway. (ARAÚJO NETO, 2005.p 19)

Criada para transportar e escoar o algodão produzido nas lavouras da cidade, que havia crescido sua demanda de exportação desde do início da guerra civil América, viu-se a partir dos anos de 1875 uma crescente queda nos preços e números após o fim da guerra e a retomada da dianteira pelos Estados Unidos na produção e exportação do algodão, deixando assim a ferrovia bastante endividada pelos gastos de sua construção que acabara de finalizar. O fato do declínio da exportação do algodão não inviabilizou o uso da ferrovia. Agora, voltada para os novos anseios econômicos e atividades comerciais e também de caráter industrial. (SILVA, 2000)

Em 1882 é instalada a primeira grande fabrica têxtil de Sorocaba a N. S. da Ponte, que tinha como meta aproveitar o excedente de matéria-prima de algodão no mercado sorocabano, seguindo a esteira dos incentivos econômicos principiada por Rui Barbosa do incipiente governo republicano (1889), conhecida com política econômica de Encilhamento. O historiador Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho em sua tese de doutorado *Fisionomia da cidade: Sorocaba - cotidiano e desenvolvimento urbano* sinaliza que 1910 o empreendimento industrial já refletiria os anseios de uma incipiente burguesia local, interessada na diversificação de suas atividades econômicas mesmo apesar da má repercussão, da febre especulativa e dos casos de empresas fictícias associadas à emissão indiscriminada de papel-moeda e crédito que marcariam os anos do Encilhamento, as diretrizes adotadas pelo ministério barbosista haviam sido amplamente aclamadas por setores dominantes da burguesia sorocabana pois teriam possibilitado incentivos do ponto de vista da expansão industrial da cidade. Esse movimento lentamente irá transformar a cidade das feiras de muares em uma cidade fabril, superando a atividade comercial pela manufatura.

> *Os contemporâneos apontaram a década de 1890 como um período de grande expansão da indústria têxtil e algodoeira. Portanto, esse período não se resumiu apenas a empresas fictícias que não saíram do papel [...] No contexto Sorocabano, essa política acabou configurando-se como fundamental para o impulso industrial da cidade. Com efeito, grandes fábricas foram fundadas na cidade, justamente no ano de 1890. A fábrica de tecidos de Votorantim, a fábrica Santa Rosália e a fábrica Santa Maria, esta começando a operar em fins de 1896. Um ano após sua fundação, a Votorantim foi ampliada com a estamparia. (CARVALHO, 2008, p. 40-41)*

Em 1892 é fundada a fábrica de Chitas do Votorantim, ligada pela ferrovia e cercada pela vila operária que veio a dar origem à cidade de Votorantim. Também foi fundada entre 1892–96 a fábrica Santa Maria junto com a vila operária, na atual vila Hortênsia e em 1913 é fundada a última grande fabrica têxtil desse período pelo empresário Alberto Kenworth, a fábrica S. Antônio.

Podemos observar em 1914 o panorama da fabricas existente em Sorocaba, entre as já citadas:

> *"(...)fabrica Santa Helena – óleos, azeite, sabão, velas, algodão, etc.*
>
> *Engenho Santa Helena – beneficiamento de arroz;*
>
> *Fabrica S. José - de tecidos e malha;*
>
> *Duas fabricas de calçados*
>
> *Duas fabricas de xales*
>
> *Uma fábrica de gelo*
>
> *Diversas fabricas de cerveja, macarrão, serrarias, moveis, etc. Uma fábrica de camas de ferro, além de inúmeras pequenas indústrias como: torrefação de café, moinhos de café, moinhos de fubá, refinações de açúcar, igualmente movidas a eletricidade" (Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914, p.237)*

Assim temos o começo da Manchester Paulista, (SILVA, 2000) alcunha provinda de sua intensa formação industrial do final do século XIX e começo do século XX onde a burguesia local se constituía com uma nova classe dominante, impulsionados pelo anseio de modernização em detrimento a velha imagem da cidade da" feira de animais". (ARAUJO NETO, p. 16-20)

CAPÍTULO 2: SURGIMENTO DA CLASSE OPERÁRIA EM SOROCABA.

A formação da classe operária durante o século XIX no Brasil foi um processo lento, pois a utilização de mão de obra escrava ainda vigorava fortemente dentro das atividades comerciais e manufatureiras. Somente após da década 1870, onde a falta de mão de obra nas lavouras de café provoca o processo de imigração europeia para São Paulo e Rio de Janeiro, embora fosse lenta a substituição do braço escravo para serviços comerciais e manufatureiros, por empregados livres brasileiros e imigrantes, lembra o Historiador Boris Fausto, quanto aos imigrantes há dois fatores importantes.

> *O papel desempenhado por estes no primeiro surto de industrialização foi crucial, sob vários aspectos: pela ampliação do mercado de trabalho e de consumo; pela preferência em inverter a poupança no setor comercial e industrial, tendo-se em conta as dificuldades impostas ao acesso à propriedade da terra; pelo impulso dado ao crescimento da Cidade de São Paulo. (...) também que a força de trabalho estrangeira não veio substituir simplesmente a mão-de-obra escrava, mas representou um grande aumento do potencial de trabalho, destinado a atender aos requisitos de uma economia em plena expansão. (FAUSTO, 1976, p. 17)*

Os fatos descritos apresentam uma nova relação social que emerge da formação de uma nova classe social, a classe trabalhadora, que segundo Edward Thompson em seu livro *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular* interpreta a classe trabalhadora como resultado de experiências comuns – *herdadas, partilhadas ou sentidas entre os homens, que articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus* (THOMPSON, 2003) -, produzindo o fim das antigas relações de senhores de escravos e emergindo com uma nova relação social no seio da industrialização. (ARAUJO NETO, 2005, p.26)

Em Sorocaba podemos destacar esse processo já em 1872, início da construção da ferrovia e consequentemente com a Fabrica N. S. da Ponte em 1882,

temos a formação gradual do operariado sorocabano. Essa nova formação pode ser verificada a partir do local de moradia do operariado, - as vilas operárias - que ficava próximo aos locais de trabalho, essas vilas operárias já eram presentes desde princípios do século XX. A fábrica de Votorantim localizada a 6 quilômetros de Sorocaba construiu praticamente uma ‘cidade operária’, que no começo do século XX acomodava 3.000 operários e tinha no seu âmbito jardins públicos, clubes, escolas, lojas e iluminação elétrica. (DECCA, 1987, p. 60)

Com uma origem muito semelhante ao operário da capital do Estado: constituído pela população da cidade; migrantes do campo e de outras partes do país e imigrantes estrangeiros (ARAUJO NETO, 2005 p. 27). Verificava também uma certa divisão entre os grupos, que se deu em maior número entre operários estrangeiros e de origem nacional, havendo permanecido algum traço de nacionalismo nesses grupos diversos e a própria formação histórica e as relações inerentes as contradições capitalistas de produção. Diferenças essas que seriam superadas por incentivos dos industriais e todo um processo de socialização para amenizar as estranhezas entre os imigrantes estrangeiros, dando ênfase para os pontos comuns da situação de vida da classe, na tentativa de invocar símbolos e realidades comuns entre eles visando suprimir essa relação conflituosa.

Ainda diante dessas contradições, em 1917, segundo o jornal Cruzeiro do Sul aponta o crescimento de 10 mil trabalhadores, aproximadamente, desde a gêneses da industrialização sorocabana (Jornal o Cruzeiro do Sul 16/07/1917).

3.1 – A Condição da Classe.

As relações que caracterizam a situação de classe de um grupo, são as relações com os meios de produção. Como não poderia deixar de ser, na gênese da formação da classe operária sorocabana, as relações entre capital e trabalhador, caracterizam-se, em primeiro lugar, através da situação de classe de um grupo com os meios de produção e no outro lado, na obrigatoriedade da venda do único bem que possuem a força de trabalho. É exatamente durante esse exercício cotidiano e diário que se desenvolvem algumas das mais importantes relações sociais – a relação de trabalho.

É dentro da moderna indústria, nas suas relações diárias que ocorre a venda da força de trabalho caracterizada por uma série de gestos muito das vezes repetitivos na condução de uma máquina ou venda da força de trabalho não qualificado – ajudantes - é onde fica claro a situação de semelhança social para os diversos grupos de origens étnicas, cultural e nacional distintas. Somado ao fato de a relação de trabalho ser muitas das vezes repetitivas e difusas, a própria divisão do trabalho levará boa parte do operariado a não se perceber como produtor da riqueza pelo fetichismo das maquinas como "agentes produtores", consequentemente há uma brutal extorsão do valor do trabalho, a mais-valia, de forma intensa e desumana pelos capitalistas. (ARAUJO NETO, 2005, p. 28-29)

Em Sorocaba a média salarial da indústria têxtil em 1911 segundo o jornal O Operário de 22/10/1911 é de 40.000 mil reis por mês para homens adultos e 17.000 mil reis para menores (O Operário 19/12/1909). O historiador Paulo Celso Silva em sem livro "de novelo de linha a Manchester Paulista" reúne dados acerca dos gastos para a manutenção da família operária, observando gastos como feijão, arroz, farinha, frangos, carnes de porco e toucinho o valor girava em torno de 41.930 reis (Paulo Celso, 2000, p.85), neste calculo segundo Paulo Celso não foram introduzido nestas despesas quaisquer divertimento, bebidas, bonde, luz, educação das crianças, nada absolutamente que vá além do que é estritamente necessário à vida de uma família de 4 pessoas. A partir destes dados podemos inferir o quanto era indispensável o trabalho das mulheres e dos menores na composição da renda familiar para a sobrevivência, tendo em vista a má remuneração do trabalho.

O fato de não haver ainda regulamentação do regime de trabalho gerava muitos conflitos em torno dos pagamentos, muitas das vezes por atrasos e omissões dos valores por parte dos patrões que provocava nos trabalhares revoltas e protestos. Também é possível observar as tentativas de controle e poder sobre a classe trabalhadora através mecanismos instaurados nas vilas operárias como a obrigatoriedade de consumir bens de sobrevivência oferecidos pela empresa nos seus armazéns. Sobre este fato o jornal O operário denunciou:

> *"à fábrica Votorantim, situada em importante e populoso bairro de igual nome. A diretoria deste estabelecimento, com o intuito de facilitar transações de seus operários, fez imprimir cartões, com valores diversos, visto como os pagamentos e remessas de dinheiro feitos pelo*

> *banco a que pertence são sempre retardadas, por motivos que ignoramos. Até aqui nada de digno de nota.*
>
> *O que, porém, nos revolta é o fato destes cartões só terem valor em um único estabelecimento naquele bairro, constituindo um verdadeiro monopólio" (o operário, 22/08/1909)*

Em uma outra descrição sobre os famosos cartões verificou-se o condicionamento dos trabalhadores da Fábrica Santa. Rosália na compra de suas mercadorias no armazém de propriedade da empresa.

> *"Não existem lá (fabrica sta. Rosalia) os afamados cartões, mais engenhoso é o processo! Só existe o armazém da fábrica e tem os empregados a faculdade de poderem, aqui na cidade, comprar o que quiserem; mas existindo nas proximidades da fábrica um portão e o respectivo porteiro, os que pata lá se dirigem conduzindo gêneros. Tem forçosamente de se entender com o Sr. Porteiro que, de acordo com as instruções recebidas, nega a entradas às carroças que levam a mercadorias (...) porquanto não se obriga diretamente o operário a comprar no armazém da fábrica, mas indiretamente, porque ele não podendo lá entrar com mercadorias compradas em outros estabelecimentos, tem por fora das circunstancias de prover-se do que necessita no armazém da feliz e poderosa empresa" (O Operário 12/09/1909)*

Fica claro a tentativa da empresa em retornar parte dos gastos com os salários dos funcionários em lucro com a vendas de gêneros de sobrevivência para os trabalhadores, aumentando assim sua lucratividade e caracterizando uma exploração dupla do trabalhador, que não gozava nem mesmo da liberdade de escolha da compra de seus produtos. Em um primeiro momento, pela extração da mais-valia no chão da fábrica; num segundo, pela subtração dos rendimentos dos trabalhadores através da venda das mercadorias, pelo cartão, através da manipulação de um único estabelecimento comercial provido pelas fábricas, o que era prática bastante difundida nos locais de trabalho. Uma demonstração clara de força e de controle sobre os trabalhadores, já que moravam nas dependências da empresa e consumia conforme a autorização dos chefes nos locais permitidos. Não somente a regulação e controle de bens de gêneros de sobrevivência, mas também um domínio sob hábitos e

atividades dos trabalhadores, assim a relação de controle dos corpos dentro do regime de trabalho se torna completa e dominante por parte das elites industriais.

A jornada de trabalho que envolvia os trabalhadores as crianças e menores era outro ponto de denúncia do jornal O Operário. Com longas jornadas de trabalho que muitas das vezes se estendiam de 12 a 15 horas diárias (ARAUJO NETO, p.31-32), de forma intensa, havendo paradas de meia hora, em média, para o almoço. Neste processo existe alguns fatores contrários aos valores humanísticos. Primeiro, o aumento do processo de exploração advindo do aumento da jornada de trabalho, em que tudo era feito em nome do progresso. Segundo essa condição esgotava a saúde das crianças, que cresciam macilentas (ARAUJO NETO, p.33) por causa da insalubridade do local de trabalho e da má alimentação.

> *"As fabricas de tecidos Santa Maria e Santa Rosália trabalham até oito e meia da noite (!!!), a de Nossa Senhora da Ponte até às 7h, a Fabrica de Chapéus até às 5:30h da tarde." (O Operário, 02/10/1910.)*

Ainda existia o fato dos castigos corporais inferidos aos menores, que também foi exposto pelo jornal Operário

> *"(...) Fez-se ouvir em primeiro lugar o nosso amigo Antônio argento que levantou um enérgico protesto sobre o modo brutal e desumano, porque na fábrica N.S da Ponte castigam os menores, tendo se dado em dias passados o fato altamente "digno e louvável" de um Sr. Eloy Ribeiro, preposto do Sr. Cugnasca, sendo necessário recorrer-se de pronto à farmácia! Onde foi medicado (...)" (O Operário 02/10/1909)*

Também foi denunciado a fábrica Fonseca por empregar menores em trabalho noturno. Não obstante, o regime de trabalho para os menores é demasiadamente desgastante e somado a má alimentação o perigo para os menores era constante no local de trabalho, ocorrendo inúmeros acidentes e alguns até graves:

> *"o menor Euclydes Brasiliense de 12 anos de idade (...) trabalhava na engomadeira, quando por descuido, muito natural das*

> *crianças, viu-se preso, pelo braço direito no cilindro da máquina (...) fazemos um justíssimo pedido de não suspender ao nosso companheirinho o seu salário, enquanto estiver preso ao leito de dor" (O Operário 24/07/1910)*

No O Operário, verifica-se que, além das jornadas de trabalho de 12, 13, 14 e até 15 horas diárias, como era o caso das fábricas Santa Maria, Santa Rosália e Fonseca, em alguns casos acontecia também o chamado "serão", que era estendido até a madrugada e contava também com a força de trabalho de menores (ARAUJO NETO, p.31-32). Entre outras coisas, essas jornadas de trabalho muito longas, impediam que os menores em serviço frequentassem as escolas noturnas que existiam na época:

> *As fábricas de tecidos Santa Maria e Santa Rosália trabalham até oito e meia da noite (...), a de Nossa Senhora da Ponte até às 7 h, a Fábrica de Chapéus até às 5:30h da tarde.*
>
> *As escolas noturnas criadas e mantidas pelo governo do Estado, segundo o regulamento, devem abrir-se às 6 horas da tarde, fechando-se às 9 da noite. (O Operário 02/10/1910, p. 01)*

O caso das mulheres operarias não difere muito, engrossava também as filas de trabalhadores explorados e muitas das vezes produzindo tanto quantos homens no mesmo regime de horário. Ainda que produzisse a mesma quantidade a discriminação no trabalho não era menor, discriminações essa que vinham tantos dos administradores, mestres e contramestres quanto de seus companheiros de trabalho. Relações de abusos eram cometidos com as trabalhadoras, certa vez foi noticiado o fato de um contramestre da Fábrica Fonseca ter feito uma "proposta indecorosa" a uma operária e seus companheiros nada terem feito ao seu favor.

> *"(...) A senhorita Luiza Alves, retirou-se da fábrica Fonseca, por não poder suportar as propostas indecorosas que lhe dirigia o mestre da fábrica que além de pedir-lhe o respeito, a qualificava de horizontal. E ninguém lhe soube defender a honra desta pobre moça nem dar uma lição no atrevido mestre da fábrica.*
>
> *Oh, que solidariedade ridícula deste operariado". (O Operário 11/08/1912)*

Entretanto, isso não diminuía sua importância na produção, pois como produziam o mesmo que os homens ganhando menos, o que levava a um aumento maior dos lucros dos empresários proporcionado uma taxa de mais-valia superior. Somando junto com a exploração do trabalho, os abusos sofridos no chão de fábrica, também tinha que encarar uma jornada dupla de trabalho - o trabalho doméstico, que dará contornos de uma realidade mais hostil as mulheres operárias. O que não apagará a sua presença maciça nas fabricas têxtil de Sorocaba do começo do século XX. (CAVALHEIRO, 2009, p.26-30)

3. CAPÍTULO 3: A GREVE GERAL 1917- NA CAPITAL

Em 1917 o mundo vivia a Primeira guerra Mundial que fazia estragos econômicos e sociais nos países europeus. Igualmente, assistia a tomada do poder por socialistas e comunistas, na Rússia.

Por sua vez, o Brasil vivia um período de instabilidade econômica provocada pela escassez de alimentos e, consequentemente, de inflação. Esta crise que irá permear todo o Brasil e irá explodir em São Paulo onde ocorria a concentração maior de trabalhares e consequentemente um agravamento maior da difícil condição dos operários. Segundo os historiadores Luigui Biondi e Edilene Toledo no livro “Uma Revolta Urbana – Greve Geral 1917” O custo de vida aumentava dia-a-dia. Em 1916, os gêneros alimentícios subiram mais de 60%, sem que houvesse qualquer reajuste salarial. Começava a faltar alimentos e toda nossa produção era vendida para a Europa, que estava em guerra. A fome batia as portas das famílias dos trabalhadores. É neste contexto que teve início a onda da greve que abalou o país. (Biondi, Toledo, 2018, p.46)

A paralisação começou em São Paulo na Fábrica Crespi que empregava 2.000 trabalhadores no bairro da Moca. Os operários pediam aumento de salário, redução da jornada de trabalho, proibição do trabalho infantil e do trabalho feminino à noite.

Este movimento se espalhará por outras fabricas do bairro provocando a adesão de mais operários. Inspirados pelas ideias anarquistas divulgadas pelo jornalista Edgar Leuenroth, os trabalhadores fazem os primeiros comícios em bairros e praças publicas

Ao longo de todo mês de junho várias fábricas somam-se à greve. Em 8 de julho é criado o Comitê de Greve, proposto pelos anarquistas. No dia seguinte, a polícia mata o sapateiro espanhol José Martinez e causa revolta entre os grevistas. (Biondi, Toledo, 2018, p.57)

Em julho de 1917, o que parecia mais uma simples greve, como outras tantas que já haviam ocorrido desde o começo do século, acabou por desembocar no maior movimento de contestação operária já visto na história do Brasil até então.

Esse movimento teve início a partir das reivindicações dos operários das fábricas por aumento de salário, e acabou por transformar-se num movimento social, traduzindo todo o sofrimento das classes populares, que não suportavam mais o alto

custo de vida. Diante desse quadro, a adesão dos operários foi maciça, bem como a propagação de um ideário contra esse estado de exploração. (CAVALHEIRO, 2009, p.130)

4.1 – A grande greve chega na cidade de Sorocaba

A greve de 1917, em são Paulo espalhou-se para outras localidades, chegando até Sorocaba onde o movimento teve início no dia 16 de julho de 1917. Respaldados pelos acontecimentos da capital, os operários desta cidade reivindicaram aumento salarial e preço acessível aos gêneros de primeira necessidade. (CAVALHEIRO, 2009, p.131)

Cerca 10 mil operários participaram do movimento, apoiados pelos trabalhadores do comercio, que cerrou suas portas, e dos bondes que ficaram paralisados. Sobre a Greve o Jornal Cruzeiro do Sul trouxe uma reportagem com mais de uma página com a manchete ““A Greve Nesta Cidade”.

> *O encarecimento rápido e crescente dos gêneros de primeira necessidade e o decréscimo de salários, realizado em alguns estabelecimentos concorreram, além de outros motivos de ordem secundaria, para levar os operários à greve. De facto, não era possível que as coisas continuassem no pé em que estavam. A miséria negra e horrível ameaçava centenas de lares. Ao trabalho exaustivo de horas excessivas, não correspondia uma alimentação generosa e boa, pois a começar do pão, todos os artigos subiram muito o preço e os operários eram coagidos a reduzir ainda mais o seu parco “menu”. Os operários em parede pacifica procuram nem mais nem menos do que conseguir um pequeno aumento de salário. Foi para esse fim que se declarou A GREVE. (Cruzeiro do Sul, 17 jul. 1917, p. 01)*

A reportagem passa a descrever com detalhes os procedimentos e itinerários adotados.

A greve é iniciada pelos operários da fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte, e logo partiram para a fábrica Santo Antônio onde o operariado não estavam

descontentes com seus *patrões (cruzeiro do sul, 17/08/1917)*, já que no mês anterior (junho) receberam uma gratificação em 25% de seus ordenados. Por fim, acabaram estes por aderir ao movimento em consideração aos colegas. O que evidencia que em Sorocaba a greve não foi apenas para lutar por aumento de salários para si, mas também por uma questão de união e força do movimento da classe trabalhadora. (CAVALHEIRO, 2009 p. 131)

> *"Os operários não estavam descontentes com os seus patrões, mas aderiram ao movimento por apenas solidariedade e espirito de união de classe" (cruzeiro do sul, 17/08/1917, p.1).*

Da fabrica Santo Antônio, formaram grupos divididos, alguns em direção as oficinas da Sorocabana Railway e outros para a fábrica de chapéus Souza Pereira. Na fábrica de chapéus, o gerente Adelino Miranda disse aos operários que liberaria as trabalhadoras (costureiras) se garantissem que não ocorreria nenhuma "manifestação desagradável por parte dos grevistas".

> "Parte *numeroso do grupo de proletários se dirigiu então a fábrica de chapéus Souza pereira (...0 cujo o portão foi arrombado por alguns operários exaltados. O gerente desta fabrica entendeu-se com os grevistas e disse que de bom grado as suas operárias deixariam o trabalho, mas estavam receosas se alguma manifestação desagradável por parte dos grevistas" (cruzeiro do sul, 17/08/1917, p.1).*

Crescia o movimento operário, havendo convites e adesões dos operários das fabricas de tecidos Santa Rosalia e Santa Maria. Uniram-se também a greve os trabalhadores da fábrica de estamparia São Paulo, fabrica de arreios Ferreira & Cia, fábrica de calçados Soares, fábrica de tecidos Votorantim e fábrica de calçados Fausto.

Os operários da fábrica de Votorantim, muito antes da greve deflagrada em julho de 1917, já passavam por grandes necessidades. Em 17 de julho de 1917, o jornal Cruzeiro do Sul, ao noticiar o movimento grevista das fábricas de Sorocaba, também informa sobre a situação na Fábrica Votorantim:

> *A Fabrica Votorantim estava em greve há quase um mês. Há poucos dias, porém, foi arrendada a dois capitalistas que resolveram*

> *fazer punciona-la ontem. Assim iniciou-se o trabalho na parte a que chamam "fabrica velha". Mas sendo reclamada a adesão dos seus operários, a fábrica paralisou-se. (Cruzeiro do Sul, 17/07/1917)*

Segundo Carlos Cavalheiro a fábrica de Votorantim, através de seu gerente teria demitido 42 funcionários por reclamarem os pagamentos de seus salários atrasados e não o suficiente exigindo a desocupação da casa da vila operaria num prazo de oito dias.

> *"Essa arbitrariedade do gerente impulsionou uma paralisação dos demais tecelões da fábrica em solidariedade aos companheiros demitidos". (CAVALHEIRO, 2009 p.133)*

Desta forma, as indústrias mais importantes da cidade ficaram paralisadas. Seguindo as palavras do historiador Adalberto Coutinho em Memória Operária - *foi provavelmente a maior greve a que a cidade a cidade já viu. Até os bondes e o comercio pararam.*

Bastantes temerosos pelos acontecimentos da capital, os industriais sorocabanos trataram logo de remediar a situação e buscar atender as reivindicações dos operários. É possível verificar pelas fontes estudadas que ninguém discordava das reivindicações e de quão justa era a greve, nem os operários, nem os empresários, nem a população nem a impressa, conforme o próprio jornal Cruzeiro do sul noticiou.

Logo se reuniram os industriais na residência do empresário Jorge Kenworthy, onde lançaram resoluções semelhantes à do empresariado da capital. É a seguinte ata:

> *Os industrias de Sorocaba reunidos hoje nesta cidade resolveram fazer aos seus operários as mesmas concessões feitas ao operariado da capital e que são as seguintes:*
>
> *A) aumento de 20%sobre o salário em geral;*
>
> *b) não dispensar do serviço qualquer operário que tenha tomado parte na presente greve;*
>
> *c)respeitar "in totun" o direito de associação de seus operários;*
>
> *d)efetuar pagamentos dos salários dentro da primeira quinzena que seguirá ao mês vencido;*

> *e) acompanhar com a máxima boa vontade as iniciativas que forem tomadas no sentido de melhorar as condições morais, materiais e econômicas do proletariado;*
>
> *Estas condições serão postas imediatamente em vigor desde que os operários recomecem amanhã o seu trabalho*
>
> *Pela Cia. Fiação e Tecidos Santa Maria – Eugenio Mariz; pela Cia. Nacional de Estamparia, fabrica Santo Antônio e São Paulo - João Frank Kenworthy; pela Cia. Fiação e Tecidos N.S da Pontw - Julio Lugnasca; J. Fernandes Silva, Oetterer, Speers e Cia., da fábrica Santa Rosalia". (cruzeiro do Sul 17/08/1917)*

Contudo essas conquistas inicias não demonstrou ser suficiente para boa parte do operariado sorocabano, que vinha sofrendo com os desmandos dos gerentes e patrões a anos e viam na greve um catalizador de todas as reivindicações que achavam justas e que a muito buscam concretizar. E por isso optaram por continuar a greve no dia seguinte. (ARAUJO NETO, 2005, p.125)

> *"As fabricas de tecidos N.S da ponte, Santo Antônio, Santa Rosalia e Votorantim reabriam-se, mas não compareceram os seus operários, o mesmo acontecendo à companhia Nacional de Estamparia"*
>
> *"A antiga fábrica Souza Pereira não deu sinal para recomeçar o trabalho, permanecendo fechada ontem" (Cruzeiro do Sul 18/07/1917).*

Logo pela manhã o comercio e assim como alguns serviços da cidade voltaram a funcionar com o apoio do policiamento. Entretanto, as propostas dos empresários não foram aceitas por todos os trabalhadores e uma boa parte continuou o movimento grevista obrigando assim os empresários se reunirem novamente para novas concessões.

> *"Os operários enviaram à reunião, para tratar dos seus interesses, uma comissão de cinco colegas, que se entenderam diretamente com os industrias, expondo seus intuitos na presente greve"*
>
> *"os industrias se comprometem a beneficiar os seus operários dando-lhes*
>
> *1)Dez horas de trabalho por dia;*

> *2)vinte por cento no aumento de salário;*
>
> *3)de acordo com as atuais necessidades, farão trabalhos extraordinários, fora dos teares, aumentando assim o serviço de 10 para 11 horas, sendo esse excesso pago à parte, à razão do serviço ordinário;*
>
> *4) O pagamento será por metro e não por peça, feito na primeira quinzena do mês seguinte vencido, exceto na Santa Rosalia, que pagará no terceiro sábado do mês seguinte ao vencido*
>
> *5) não será nenhum operário demitido do trabalho por motivos de greve" (Cruzeiro do Sul 18/08/1917)*

Ainda sim alguns operários não aceitaram as condições propostas pelos patrões. Estes se reuniram novamente no dia seguinte no escritório da fábrica Santa Rosalía para tomar ação contra os grevistas e fixaram nas portas de suas empresas o aviso:

> *"em virtude da má vontade dos Srs. Operários em recomeçar o trabalho, esta fabrica fechará por tempo indeterminado*
>
> *Entretanto, se os Srs. Operários se apresentarem nos portões amanhã as 7 e meia horas, como prometem, reabriremos o estabelecimento." (Cruzeiro do Sul 18/08/1917)*

Os patrões irão apelar pelo retorno de seus trabalhadores, com isso contarão com publicações na imprensa local. No Jornal Cruzeiro do Sul surgem aviso desse tipo aos operários ainda em greve.

> *"os operários mais esclarecidos que convençam disso os colegas, porque se prejudicados estão sendo os patrões, muito mais serão os que vivem do produto do seu labor cotidiano e tem esposas e filhos a reclamar o seu apoio" (Cruzeiro do Sul 18/08/1917)*

Diante deste ultimato, os grevistas acreditavam não haver condições de negociar outras exigências. Visto que boa parte dos trabalhadores conseguiram suas reinvindicações elementares e retornando as atividades, como os funcionários da Sorocabana que no terceiro dia de greve receberam seus direitos assim voltando ao trabalho e consequentemente diminuindo o movimento paredista. O que nos leva ao

fato que em 19 de julho de 1917 a greve em Sorocaba estava encerrada, esta greve que levou aproximadamente 10 mil entre trabalhadores e população a reivindicar melhores condições de vida e de trabalho, durante 3 dias de lutas e conquistas que permearia toda a classe trabalhadora direta e indiretamente.

4.2 – Movimento e repressão, uma história de lutas.

Temendo que ocorresse em Sorocaba episódios parecidos com os da capital, as autoridades locais buscaram logo de acionar as força repressivas. O medo da greve e do movimento dos operários tomarem proporções incontornáveis era plausível, visto que a adesão era massiva, portanto, não mediram esforços em acionar não apenas toda a polícia local como também o exército e a força pública da Capital do Estado para manter a ordem em Sorocaba.

> *"Um contingente de 70 praças da força Pública (...) faz o patrulhamento da cidade". (cruzeiro do sul, 17/08/1917)*

Nos dias que se passa a greve, a movimentação das forças repressivas era grande em toda a cidade, o que nos enverada o entendimento que havia uma preocupação real com o potencial combativo do operariado e sua força como classe numerosa.

> *"Pouco depois do meio dia, chegou do Ipanema um carro especial conduzindo 50 homens sob comando do capitão Hermes Alincourt da Fonseca, combinando-se então com o Dr. Delegado de Polícia várias medidas de policiamento da cidade, tornando proibido os ajuntamentos". (Cruzeiro do Sul 17/08/1917)*

Não intimidado pelo contingente de policiamento, que não passava de 300 homens, (ARAUJO NETO, 2005, p.128) os operários se reuniram no dia 17 na praça Coronel Fernando Preste para fazer seus comícios e piquetes, ocupando espaços públicos e desafiando o poder da burguesia e seu governo conservador, o que foi duramente reprimido, mesmo os operários estando de forma pacifica - mas não menos desafiadora.

> *"A força policial vinda da capital teve ordens de dispersar uma aglomeração de populares que, desde cedo, estacionava na praça coronel Prestes. Intimou, pois, por três vezes o povo que se dispersasse. Como não fosse atendida e não tivessem os operários licença para realizar o comício em que falava o Sr. Bandini – a polícia fez uso dos espadins, chegando mesmo a cometer excessos lamentáveis e ferindo pessoas de representação da nossa sociedade, que nada tinham com a greve e se achando por curiosidade com os operários". (cruzeiro do Sul 17/08/1917).*

Alguns operários que ocupava a praça trataram de revidar as agressões com garrafas, outra parte dos grevistas que, trabalhavam na Sorocabana sabotaram os trilhos dos quilômetros 115 e 117 também cortaram os fios telégrafos visando dificultar a comunicação com a capital. (CAVALHEIRO, 2009, p. 139)

Temos então uma intensificação da repressão, que por muitas das vezes se fazia sem direcionamento da violência, acarretando em agressões em cidadãos que mal tinham participação no movimento.

> *"Um corpo de agentes secretas auxilia a ação da força Pública. Alguns desses agentes, entretanto, prejudicam de certo modo a segurança pública, pois, (...) agridem cidadãos inermes que, pacatamente se dirigem ao trabalho ou para misteres vários." (Cruzeiro do Sul 17/08/1917).*

Mesmo com os avanços das negociações e a perda gradual da força do movimento, que conquistará muito das suas reivindicações nos últimos dias, o aparelho repressivo mantinha-se em alerta e atuante, não obstante tivemos o caso de um operário ferido a bala por parte de soldado do exército, que guardava os trilhos do trem e desferiu um tiro quando avistou o trabalhador caminhando sobre os trilhos.

> *"O foguista que foi anteontem atirado por uma praça do Exército que guarda o leito da estrada, sabemos chamar-se ele José Augusto. Esse foguista teve voz de fazer 'alto' quando à noite caminhava pela linha em serviço. Como não atendesse, sobre ele fez fogo o soldado". (Cruzeiro do Sul 18/08/1917)*

Diante desses fatos, verificamos que repressão ao movimento grevista foi amplo e como modus operandi do aparelho repressivo, - o uso da força brutal como método de diálogo com os insurgentes. A aristocracia sorocabana não mediu esforços para reunir forças para combater os operários que reivindicavam melhores condições de vida juntos com aumento nos seus pobres salários. Trabalhadores que sofriam há anos no chão das fábricas e agora tinham que enfrentar o aparelho de Estado para fazer valer seu interesse e necessidades como classe, não antes sem enfrentamento e sangue derramado, fato que acompanhará a trajetória do operariado sorocabano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O operariado sorocabano demonstrou desde sua gênese ser uma classe resistente e combativa. Muito semelhante ao da Capital, constituído por vários grupos distintos, que dará contornos diversos e múltiplos a partir das misturas entre culturas e nacionalidades diferentes.

Não apenas compartilhando uma origem semelhante, mas também, uma realidade material sofrida e terrível. A exploração do operário sorocabano, como o operariado brasileiro em geral do começo do século XX se mostrará desumana e cruel. Regimes longos e exploração do trabalho infantil eram os grandes triunfos para extração da mais-valia. Ao trabalhador, restava apenas a luta como via de transformação e superação da sua condição material.

Por isso na greve de 1917 ficou demonstrada o quão justa e legitima foi o movimento paredista feita pelos trabalhadores desta cidade. Fica claro também que não se travava de uma greve por aumento salarial e sim por verdadeiras melhorias das condições de vida e sobre e especialmente, uma greve de protesto contra a burguesia e o capitalismo. Não obstante, sua força de luta levou na greve de 1917 alguns patrões a anunciarem aumento já no mesmo dia.

Ao operariado sorocabano ficará a marca e a referencias de conquistas ao longo do século XX. Suas lutas em 1917 refletirão em outros momentos decisivos para a classe local, como em 1918 e 1919. Como classe resistente e combativa, formará junto a Manchester Paulistas e emergindo da mesma a nova alcunha a de Moscou Brasileira, como bem nos apesentou Paulo Celso Silva, fruto de um operário atuante e construtor de sua trajetória, de um grupo que buscou resistir a exploração do capital.

BIBLIOGRAFIA.

ALMEIDA, Aluísio de. Sorocaba: **3 séculos de história**. Itu, SP: Ottoni, 2002.

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. **Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba 1897-1920. Sorocaba,** SP: LINC, 2005.

BADDINI, Cássia M. *Sorocaba no Império: comercio de animais e desenvolvimento urbano*. S. Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

BIONDI, Luigi; **TOLEDO**, Edilene. **Uma revolta urbana: a greve geral de 1917** em São Paulo / Luigi Biondi e Edilene Toledo. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. **Fisionomia da cidade: Sorocaba - cotidiano e desenvolvimento urbano** - 1890-1943. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Memória Operária**. Sorocaba: Editora Crearte, 2009

DECCA, Maria A. G. **A Vida Fora das Fabricas.** R. de Janeiro: Paz e Terra,1987.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e conflito social (1890 - 1920)**. S. Paulo/ R. Janeiro: Difel, 1976.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. **A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação /UNICAMP, 2003

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. 2ªreimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Paulo Celso. **De novelo de linha à Manchester Paulista. Fábrica têxtil e cotiando no começo do século XX em Sorocaba**. Sorocaba: Neide Perez da Silva - empreendedora, Projeto LINC, 2000.